

# Macabéa

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI

Ana Júlia Gomes de Lima  
UPE

 0009-0007-5911-4765

Clarissa Loureiro Marinho Barbosa  
UPE

 0000-0003-4640-2446

## A RELEVÂNCIA DOS MITOS DE LILITH E DE EVA PARA A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS OBRAS “O PAPEL DE PAREDE AMARELO” E “LILITH”

RELAÇÕES DIALÓGICAS E  
INTERTEXTUAIS

## THE RELEVANCE OF THE MYTHS OF LILITH AND OF EVE FOR THE CONSTITUTION OF THE FEMALE IDENTITY IN THE WORKS “THE YELLOW WALLPAPER” AND “LILITH”

DIALOGICAL AND INTERTEXTUAL  
RELATIONS

Como citar

LIMA, A. J. G. de; BARBOSA, C. L. M. A relevância dos mitos de Lilith e de Eva para a constituição da identidade feminina nas obras “O papel de parede amarelo” e “Lilith”: relações dialógicas e intertextuais. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 3, p. 61-76, jul.-set. 2024.



VOLUME 13, NÚMERO 3, JUL.-SET. 2024  
ISSN 2316-1663  
DOI: 10.47295/mren.v13i2.1792

RECEBIDO EM 23/05/2024  
APROVADO EM 16/09/2024

**Abstract:** This work proposes to discuss how the creation of speeches generated by the myths of Lilith and Eve is relevant to the constitution of the female identity present in the short story *The yellow wallpaper* by Charlotte Perkins Gilman, establishing a comparative study with the sculpture *Lilith* by Kiki Smith. It starts with an analysis that involves studies of intertextuality and dialogism as aspects of comparative literature, bearing in mind the new meanings that Gilman attributes to myths in the process of rewriting the text. The objective, therefore, of this work is to discuss the importance of the myths of Lilith and Eve for the realization of female identities in the highlighted works. And, that way, discuss how both converge in the process of recreating biblical myths. It investigates, especially, the constitution of the identity process according to the articulation between myth and art, which gives light to the construction of an analysis of women's mental health in marriage and their role within the patriarchal system in the work "The Yellow Wallpaper". For this purpose, this work is based on the following theoretical concepts: myth (Eliade, 2019), cultural identity (Hall, 2006), intertextuality (Kristeva, 2012), dialogism (Bakhtin, 2010), and patriarchy (Del Priore, 2020). This work allows a critical reading of artistic productions made by women in order to make their social complaints visible, going beyond an aesthetic approach by promoting a sociological reflection on works of art from different languages and eras that converge.

**KEYWORDS:** Identity. Dialogism. Intertextuality. Lilith. Eve.

**Resumo:** Este trabalho se propõe a discutir como a criação dos discursos gerados pelos mitos de Lilith e Eva são relevantes para a constituição da identidade feminina presente no conto *O papel de parede amarelo*, da escritora Charlotte Perkins Gilman, estabelecendo um estudo comparativo com a escultura "Lilith", da artista plástica Kiki Smith. Parte-se de uma análise que envolve os estudos de intertextualidade e dialogismo como vertentes da Literatura Comparada, tendo em vista os novos sentidos que Gilman atribui aos mitos no processo de reescritura do texto. O objetivo, então, deste trabalho, é discutir a importância dos mitos de Lilith e Eva para a realização das identidades femininas nas obras destacadas. E, dessa forma, debater como ambas convergem no processo de recriação de mitos bíblicos. Investiga-se, sobretudo, a constituição do processo identitário segundo a articulação entre mito/arte, que dá luz à construção de uma análise sobre a saúde mental da mulher no casamento e o seu papel dentro do sistema patriarcal na obra "O papel de parede amarelo". Para tanto, este trabalho se fundamenta nos seguintes conceitos teóricos: mito (Eliade, 2019), identidade cultural (Hall, 2006), intertextualidade (Kristeva, 2005), dialogismo (Bakhtin, 2010) e patriarcado (Del Priore, 2020). Este trabalho possibilita uma leitura crítica de produções artísticas feitas por mulheres, de modo a visibilizar suas denúncias sociais, indo além de uma abordagem estética, ao promover uma reflexão sociológica acerca de obras de arte de linguagens e épocas diferentes, mas que convergem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Dialogismo. Intertextualidade. Lilith. Eva.



Copyright (c) 2024 Ana Júlia Gomes de Lima  
e

Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo estabelece um estudo comparativo entre as obras *O papel de parede amarelo* (1892) da autora norte-americana Charlotte Perkins Gilman e *Lilith* (1994) da artista plástica alemã Kiki Smith. Para isso, procura-se observar a relevância dos mitos de Lilith e de Eva para a constituição da identidade feminina das personagens nas duas produções artísticas. Dessa forma, busca-se fazer um estudo pautado na Literatura Comparada que envolva a relação das personagens com mitos bíblicos que corroboram para a constituição similar de duas obras de linguagens distintas.

O objetivo deste trabalho se dá, então, em debater a importância dos mitos de Lilith e de Eva para o processo constitutivo da realização das identidades femininas nos objetos de estudo desta pesquisa. À vista disso, busca-se discutir, também, como as obras se aproximam no processo de recriação de mitos bíblicos e investigar a constituição do processo identitário a partir da articulação entre mito/arte. Questões que propiciam, dessa forma, uma análise sobre o papel da mulher e sua saúde mental no casamento dentro do sistema patriarcal no conto *O papel de parede amarelo*, foco principal deste trabalho. Assim, tendo em vista os discursos gerados e reverberados pelos mitos de Lilith e de Eva como modelos de comportamento na sociedade, este estudo se propõe a responder à pergunta problema central desse trabalho: qual é a relevância das figuras míticas Eva e Lilith para a constituição da identidade feminina da personagem principal do conto *O papel de parede amarelo* em diálogo com a escultura *Lilith*?

Para tanto, este trabalho se desenvolve segundo os seguintes tópicos: Um estudo comparativo do processo de reescritura dos textos sob a ótica das relações dialógicas e O estudo comparativo entre *O papel de parede amarelo* e *Lilith*: a construção identitária segundo a relação intertextual com figuras bíblicas. O primeiro tópico discute os conceitos de Literatura Comparada, bem como maneiras de executá-la com os artifícios do dialogismo. O segundo aborda, conforme a perspectiva dos Estudos Culturais, o processo identitário feminino ressignificado pelas figuras bíblicas e sua relação intertextual entre elas e os objetos desta pesquisa. Dessa forma, esses tópicos se identificam por pretenderem apontar o impacto das relações de poder dos homens sobre as mulheres na constituição do “eu” feminino.

A pesquisa busca valorizar as produções artísticas feitas por mulheres, procurando estimular a formação de leitores críticos e, ao mesmo tempo, pesquisas sobre as obras já mencionadas conforme a abordagem adotada neste trabalho. Ademais, a investigação dos processos identitários femininos permite que, através de uma análise das relações e práticas sociais enraizadas, as denúncias de mulheres silenciadas sejam visibilizadas por meio da arte, enquanto uma manifestação humana que recria a realidade e expressa os sentimentos das pessoas de sua época. Ao discutir a saúde mental da mulher no casamento, esta pesquisa se faz relevante em razão do considerável desconhecimento a respeito das origens históricas de doenças psíquicas e até da deslegitimação do posicionamento feminino em relação a elas. Além disso, quando observa os estereótipos de gênero normatizadores que encaixam mulheres nos papéis sociais de mãe e esposa, muito defendidos até a atualidade como único destino, esta pesquisa se torna significativa no que tange, mais uma vez, à identidade feminina devido a limitação da pluralidade do ser humano que tais pensamentos promovem.

## 2 UM ESTUDO COMPARATIVO DO PROCESSO DE REESCRITURA DOS TEXTOS SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Uma obra de arte, como um processo humano, não é um objeto livre de seus vestígios. Ela traz consigo indicações de que o seu autor obteve influências, ao entrar em contato com fontes que precederam sua criatividade. E implicaram na formação de uma nova visão levada para sua obra. Assim, toda obra de arte está impregnada de discursos gerados por um meio social, os quais permitem que o processo de criação se transforme em uma reescritura de textos já existentes. Neste tópico, portanto, serão apresentados conceitos de Literatura Comparada, um dos temas principais deste trabalho, visto que tal linha permite a comparação desses vestígios encontrados na associação do conto *O papel de parede amarelo* à escultura *Lilith*. Desse modo, os estudos dialógicos e intertextuais serão subtemas expostos como uma provável maneira de investigar e contrastar as reescrituras dos textos presentes nas obras mencionadas.

A comparação é um procedimento estético que possibilita uma diferenciação ou aproximação entre objetos de análise. Dessa forma, não se configura como um método específico, tendo em vista, também, a amplitude do termo. Para Carvalhal (2006), a Literatura Comparada não deve ser entendida como um simples ato de comparar obras literárias, embora isso também ocorra como um meio e não como um fim. A crítica e ensaísta expõe um caráter de flexibilidade nos campos de estudo da área, pois para ela, “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística” (Carvalhal, 2006, p. 69). Pode-se perceber que tal ramo, ao permitir uma relação com diferentes linguagens de arte, propõe uma investigação das suas formas discursivas, valorizando a necessidade de se discutir a história e o meio social em que os objetos de estudo estão inseridos (Carvalhal, 2006).

Sandra Nitrini (2010, p.14), além de reconhecer a dificuldade de se estabelecer um conceito definitivo para a Literatura Comparada, concede, ainda, um caráter mais amplo para ela, ao afirmar, em consonância com Carvalhal, que o “trabalho do comparativista não se deve limitar a relacionar textos. (...) A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social”. Assim, entende-se que o processo, até a confirmação de uma hipótese de um estudo comparativo, pode percorrer diferentes perspectivas.

Para enveredar nesse processo, dentro dos estudos estabelecidos nessa área, Nitrini destaca possíveis caminhos teóricos de análise a serem seguidos como: a relação de influência, o dialogismo e a intertextualidade. Estes dois últimos, como artifícios que se identificam, sendo o segundo derivado do primeiro. Segundo Bakhtin (2010), ambos se assemelham, por serem capazes de promover a evidência da conexão entre textos, aqui comprovada pela comparação estética entre o conto *O papel de parede amarelo* e a escultura *Lilith*. O trabalho comparativo entre essas linguagens distintas se dá por meio da investigação de seus pontos de contatos comuns, os quais orbitam o uso do mito de Lilith como eixo significativo mais importante de cada texto.

Conforme Bakhtin, (2010) o texto literário, enquanto processo dinâmico da interação social, situa-se num espaço e num tempo, não se configurando como algo

independente, fechado em si mesmo, pois o locutor, constituído por discursos, não produz discursos adâmicos. Em outras palavras, embora o tecer narrativo possa parecer completamente individual, os fios com que se costura a composição textual estão sempre impregnados de composições anteriores. Para explicar esse processo, o autor concebe a teoria do dialogismo, a qual considera o texto como um fenômeno móvel, de modo que quando o “eu” se pronuncia, já está marcado por um “outro” (duplo). Isto pode ser explicado na estrofe abaixo:

Para Bakhtin, a “palavra literária”, isto é, a unidade mínima da estrutura literária não se congela num ponto, num sentido fixo; ao contrário, constitui um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, do destinatário (ou do personagem), do contexto atual ou anterior. O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las (Nitrini, 2010, p. 35).

Entende-se, então, que, no dialogismo, o discurso não se origina no locutor. Ele faz parte de um enunciado que está vinculado a outros por algum tipo de relação. Sua recepção se torna ativa à medida que o destinatário também dialoga com ele no espaço discursivo e é capaz de atualizar sua leitura. Ainda nessa linha, o teórico, ao afirmar que “uma voz só nada determina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência” (2010, p. 282), realça a importância em se estabelecer um estudo comparativo por meio do dialogismo, uma vez que analisar as vozes que ecoam nos textos é uma forma de aproximar a Literatura de outras esferas da expressão humana.

Os discursos que permeiam a sociedade, portanto, por mais autênticos que possam parecer ou que, numa leitura superficial, demonstram apenas uma visão, são sempre ocupados, seja por discursos que o precederam, seja por discursos contrários através de enunciados (Fiorin, 2018). Nesse sentido, levando em consideração a relação dialógica existente entre vozes sociais que atravessam obras artísticas, o subtópico abaixo se deterá na análise do mito Lilith e seus diálogos possíveis com os objetos de estudo deste artigo.

## **2.1. O PAPEL DE PAREDE AMARELO E A ESCULTURA LILITH: DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM O MITO**

O mito da criação, a culpa de Eva e a postura de Lilith, temas que serão aprofundados ao longo do artigo, se estendem como uma sombra sobre a mulher ocidental, cristã ou não, convertendo-se em padrões normatizadores de controle, que se moldam a diferentes épocas. O apóstolo Paulo Tarso, em um dos seus escritos, delinea sua visão e a de um sistema questionado ao longo deste estudo: “Eu não permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva” (Timóteo, 2: 11- 13). Diante disso, convém ressaltar que a ciência médica por volta do século XVI, muito influenciada pela Igreja Católica, também se torna mais uma forte instituição e peça central para a

construção e manutenção da prática de domesticação feminina. A ciência era/é um dos meios pelos quais, junto aos dogmas religiosos, se promovia/promove o silenciamento da mulher. Esta era vista apenas como um solo fértil para a procriação e, caso negasse esse seu papel, seria acometida por enfermidades que, segundo a visão da época, eram injunções do demônio, tendo em vista que doença e pecado estavam ligados (Del Priore, 2020). Por isso, o homem, segundo Aristóteles (384-322 a.C. apud Del Priore, 2020), desempenhava um lugar essencial na saúde da mulher, já que ele era responsável pela procriação.

Ante a esse contexto histórico, o conto *O papel de parede amarelo*, publicado em 1892 pela escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman, é uma narrativa composta por relatos do processo de adoecimento psíquico de uma mulher, registrado em formato de diário. De forma íntima, seus pensamentos são acompanhados, durante a estadia em uma mansão fora da cidade, lugar usado pelo seu marido John, também seu médico e responsável por ditar cada passo seu, a fim de afastá-la de estímulos exteriores como um possível método de cura. No entanto, *O papel de parede amarelo* do quarto, onde relutou em se hospedar, começa a exercer forte influência sobre a tomada de consciência da personagem à medida em que se revela – ou é revelado – como a prisão de uma outra mulher.

O diagnóstico feito por John não aponta algo grave, “apenas uma depressão nervosa temporária, uma certa tendência histórica” (Gilman, 2019, p. 22). Tendo em vista que sua esposa acabou de se tornar mãe, mas tem passado por crises nervosas, há, em seu posicionamento, um discurso cientificista característico do século XIX, aliado às contribuições do psicanalista Freud (1977 apud Nunes, 2011), o qual compreende a origem da histeria como advinda da repressão dos desejos sexuais. Contudo, a personagem, mesmo tendo o destino desejável com a maternidade<sup>1</sup>, recebe um tratamento preventivo do marido, usado para evitar qualquer tipo de doença mental. John trata o que sua esposa sente como algo passageiro, mas que revela características perigosas para uma mulher. Isso porque, apesar de Freud (1977) apontar que tanto homens, quanto mulheres, não estão livres de conflitos psíquicos, toda a história aponta o corpo feminino como mais suscetível à penetração de males do que o masculino (Engel, 2020, p. 342). O próprio termo, derivado da palavra grega *hystera*, se refere ao útero. Na Antiguidade, essa doença era tida como um fenômeno que se originava neste órgão feminino (Roudinesco; Plon, 1998, p. 337, 338).

O afloramento da sexualidade, apontado como lascivo e que causava uma mistura de instabilidade psicológica e irritabilidade nas mulheres, relaciona-se ao mito de Lilith, figura que será aprofundada ao longo do artigo. Exposta como libidinosa<sup>2</sup> e insubmissa, Lilith foi julgada como bruxa pela Igreja na Idade Média e teve seu aspecto associado às garotas que possuíam um comportamento incomum em Salem (Neto; Costa; Ribeiro, 2020). Contudo, além dessa característica relacionada à sexualidade,

---

<sup>1</sup> “A maternidade era vista como verdadeira essência da mulher, inscrita em sua própria natureza. Somente através da maternidade a mulher poderia curar-se e redimir-se dos desvios que, concebidos ao mesmo tempo como causa e efeito da doença, lançavam-na, muitas vezes, nos lados do pecado” (Engel, 2020, p. 338).

<sup>2</sup> De acordo com Sicuteri, em relação à experiência sexual, “a saliva que enchia ou cobria esta fêmea é um símbolo ainda mais indicativo. A associação com um equivalente mágico da libido é evidentíssima. A saliva é um componente claramente sexual possivelmente reconduzível, por via psicanalítica, à secreção erótica ou ao transvasamento mágico da saliva no beijo profundo. Sangue e saliva pertencem à mulher da primeira vez” (1985, p. 14).

Franco da Rocha (1904, p. 379) aponta que estes também são traços de uma histérica, e nada mais são do que a intensificação de atributos de uma mulher normal: “fraqueza de vontade, hipersensibilidade, emotividade, imaginação ‘desregrada’, ‘incapacidade de esforços acurados do pensamento’, leviandade”.

É possível estabelecer um diálogo entre o discurso cientificista da época, empregado por John e o reproduzido pela personagem principal do conto. Ambas as vozes se entrelaçam sutilmente. Ele a proíbe de escrever para que ela não se deixe levar por fantasias, regrado até a sua imaginação e sua potencialidade de reflexão. Com isso, a personagem se coloca sempre em um lugar de menos conhecimento, por mais que esteja sentindo algo contrário do que é dito como verdade por seu marido. E, dessa forma, é silenciada e também deslegitimada pelo seu sentimentalismo, que a leva a romper secretamente com a recomendação de John. A sua escrita se torna, então, uma forma de libertação dos seus pensamentos, comportando-se, assim, como Lilith, enquanto arquétipo da mulher insubmissa a qual reage, de algum modo, à repressão de suas vontades.

Em um primeiro momento, a personagem principal sente algo estranho na casa. Depois, atribui essa sensação ao papel de parede que julga esteticamente feio, com estampas chamativas e cor que lhe causa aversão, como se pode observar no trecho a seguir: “É uma dessas estampas espalhafatosas que se estendem para todos os lados e cometem todos os pecados artísticos possíveis. (...) A cor é repulsiva, quase repugnante, um amarelo sujo e embaçado” (Gilman, 2019, p. 24). Dentre os significados atribuídos à cor amarela, é interessante destacar, além da sua relação com o adoecimento psíquico, a sua ligação histórica com os chamados “proscritos” na Idade Média. Hereges, prostitutas, mães solteiras, judeus e endividados eram obrigados a usarem algo da cor amarela em suas vestimentas, em alguns lugares da Europa, como uma sinalização de desonra (Heller, 2013). Dessa forma, foi construída socialmente uma visão negativa sobre a cor que ganha grande destaque no conto. Primeiro é reprovada pela personagem principal, quando ela ainda é tomada pelo discurso normativo da época, mas depois liga-se ao seu processo de libertação, uma vez que a mulher passa a pertencer ao grupo de pessoas julgadas pela sociedade.

Contudo, não é apenas a cor daquele revestimento que incomoda a personagem, no trecho: “(...) Conheço um pouco dos fundamentos do design, e sei que esta estampa não segue nenhum padrão de radiação, alternância, repetição, simetria e nem nada que eu já tenha ouvido falar” (Gilman, 2019, p. 29). Nele, ela revela um incômodo com a falta de um padrão no papel de parede e deixa transparecer um discurso social ligado à mulher e ao ambiente doméstico. Por consequência, reprime a desordem, seja ela de qualquer natureza. Nessa circunstância, ela constrói uma fixação em relação ao papel. Com o passar dos dias, começa a ver o vulto de uma mulher que durante o dia se aquieta, mas à noite se torna mais visível e adquire forças para sacudir a estampa:

De noite, sob qualquer tipo de iluminação, seja a do sol do crepúsculo, de velas, do lampião e, a pior de todas, da luz da lua, ele se transforma em grades! Ou melhor, a estampa externa se transforma, e a mulher que está por trás dela fica bem visível. Por muito tempo não pude distinguir o que era a coisa que aparecia por trás –, aquela estampa secundária pouco nítida –, mas agora tenho quase certeza de que é uma mulher. Durante o dia ela permanece contida, quieta. Fico

imaginando que é a estampa que a mantém tão tranquila (Gilman, 2019, p. 33).

A dualidade entre dia e noite, relacionada ao modo como a mulher do papel de parede se porta, refere-se, simbolicamente, ao que esses turnos evocam. À luz do dia, sob a supervisão dos olhares cerceadores, quando a vigilância da moral e dos bons costumes do sistema patriarcal é feita, as mulheres se contêm no lugar social a que são submetidas. Porém, à luz da Lua, símbolo ligado ao mito de Lilith, figura noturna e instintiva, a personagem ganha forças para tentar sair desse lugar. Torna-se mais visível porque assume quem verdadeiramente é, coberta pela escuridão que lhe protege.

Sobre sua aparência, a personagem impressiona-se com sua forma quase animalesca ao sempre rastejar pelas paredes, assim como ela, e ter olhos esbugalhados que a olham fixamente. Diante dessas características, cabe retomar o mito de Lilith, desta vez como tema central e nome da escultura da artista plástica Kiki Smith (1994). Toda escura como a noite, ela é posta em sua instalação em posição de rastejamento pela parede, de cabeça para baixo em posição de ataque e olhos de vidro, fixos em quem a observa. Feita de bronze, ao ser suspensa e presa apenas por suas mãos e pés, a escultura aparenta visualmente ter um peso que incomoda, de forma literal e simbólica. Também banhada pela escuridão impressa na sua cor, assume uma posição reativa, como quem se prepara, assim como a mulher do papel de parede, para colocar abaixo as grades que cercam o mundo das mulheres.

Segundo Fiorin (2018, p. 19), “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. Portanto, a personagem, que sai do papel de parede, dialoga com a escultura a partir de estratégias discursivas diferentes, sendo uma verbal e outra visual, que ressignificam o mito de Lilith em suas narrativas a partir de um discurso feminista que prevê o rompimento de padrões e papéis sociais limitadores<sup>3</sup>, como: o de mãe e esposa. Lilith, antes reproduzida apenas pelo seu lado maquiavélico e demoníaco, é evocada agora como símbolo de insubordinação ao sistema patriarcal, pois tendo o enunciado característica heterógena, também revela o discurso contrário àquele em que se constrói. (Fiorin, 2018). Seus traços de selvageria e afrontamento ecoam pelas obras destacadas, pois o ato de rastejar sobre as paredes e sobre o próprio homem, presente nas duas, rompe com o discurso normativo de dominação feminina e evoca a mulher em seu estado mais livre.

Diante dos aspectos expostos, é possível identificar similaridades entre as relações de sentido construídas entre os enunciados do conto, direcionados à mulher do papel de parede e aos discursos gerados pelo mito de Lilith, também presente na escultura. Portanto, ao interpretarem similarmente tal mito, as obras dialogam por meio de discursos comuns, nos quais cruzam-se vozes sociais e individuais que expressam visões construídas ao longo do tempo. A reescritura, dessa forma, manifesta-se aqui como uma colcha de retalhos, um texto tecido a partir de vários outros enunciados.

### **3 O ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PAPEL DE PAREDE AMARELO E**

---

<sup>3</sup> “Concretamente, na vida cotidiana, são os homens, nesta ordem social androcêntrica, os que fixam os limites da atuação das mulheres e determinam as regras do jogo pela sua disputa. Até mesmo as relações mulher-mulher são normatizadas pela falocracia. E a violência faz parte integrante da normatização, pois constitui importante componente do controle social” (Saffioti, 1995, p. 32).



## LILITH: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA SEGUNDO A RELAÇÃO INTERTEXTUAL COM FIGURAS BÍBLICAS

Segundo Stuart Hall (2020), a identidade cultural, na concepção do sujeito pós-moderno, não é algo inato, ela se constrói constantemente ao longo da vida através das relações sociais. E o processo de identificação, de acordo com os sistemas culturais a que é exposta, pode acontecer de forma variável e até contraditória. Nesse sentido, este tópico se deterá no estudo da constituição da identidade feminina da personagem principal do conto *O papel de parede amarelo* e as suas transformações, primeiro imersa em um discurso patriarcal, depois ao argumento contrário a ele, com marcas de um discurso feminista. Para isso, as características e comportamentos que serão analisados terão o prisma, também, da articulação entre mito e arte, uma vez que irá unir o estudo identitário com a relação intertextual do conto mencionado e da escultura Lilith com as figuras bíblicas Lilith e Eva, personalidades femininas que, enquanto seres pertencentes à mitologia cristã, integram a cultura na qual as identidades se constituem.

O estudo do mito no ocidente, ao contrário da aceitação mais usual do termo relacionado às histórias ficcionais, assume que tal ramo possui uma maior complexidade, tendo em vista que é uma realidade cultural que pode ser tratada sob diversas óticas, sobretudo, ao aceitar o seu caráter de “história verdadeira”, o qual interfere na realidade social, como faziam as sociedades arcaicas (Eliade, 1972). Capazes de construir o imaginário de um grupo social de uma época, sejam eles incorporados por essas sociedades ou por meio de seus vestígios encontrados no inconsciente coletivo, os mitos, segundo Eliade (1972, p.10), fundamentam a realidade, e sua principal função é a de revelar “os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas”. Isso acontece pois são responsáveis por gerar modelos de comportamento através dos discursos que carregam.

Um dos mitos das religiões abraâmicas mais conhecidos é o da criação. Nele, temos a presença de Eva, figura que aparece no livro de Gênesis como a primeira mulher, criada a partir da costela de Adão para completá-lo. Sendo a primeira a pecar em busca de conhecimento, a desobediência da mãe de todos é uma das características que a leva a receber punições como a de submissão ao homem, que deve dominá-la. Conforme aponta Duby (2013), as características femininas e suas mazelas são atribuídas a Eva<sup>4</sup> que, apesar de suas imperfeições, é um exemplo de submissão devido à aceitação do controle masculino, único ser em que se acredita prevalecer a racionalidade.

Por outro lado, há a existência de uma segunda figura que também integra o corpo de características atribuídas às mulheres. Lilith é conhecida como Lua Negra, uma criatura selvagem que foi apagada da tradição judaico-cristã e teria sido a verdadeira primeira mulher e esposa de Adão, ambos criados igualmente do barro. Porém, segundo Sicuteri (1985, p.35), “Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente

---

<sup>4</sup> “Os padres valiam-se das palavras de Eva, de seus gestos, da sentença que a condenou, para transferir o peso do pecado ao feminino a fim de retirar a sua carga aos homens. O que os levava naturalmente a denunciar com vigor os defeitos das mulheres. Bastava-lhes lançar os olhos sobre a sociedade de corte para reconhecer no comportamento das esposas as três faltas cometidas pela “associada” de Adão sob as ramagens da macieira, e que provocaram a Queda. Como Eva, elas estão de conluio com o demônio. Como Eva, atormenta-as o desejo de sujeitar o homem. Como Eva, são arrebatadas por seu gosto pelo prazer sexual” (Duby, 2013, p. 291).

sob ele, suportar o seu corpo”. E a partir disso, rebela-se contra a superioridade masculina imposta.

Tais figuras míticas, ao terem suas personalidades atribuídas às mulheres subsequentes, são um claro exemplo de modelos de comportamentos gerados a partir dos mitos. Eva, como mulher de consciência dominada pelo seu marido, é também seu objeto de controle dentro de um sistema que nasce patriarcal. Ao se submeter a ele, torna-se um exemplo a ser seguido, tanto pela sua aceitação em ser um indivíduo a ser reprimido e controlado por causa do seu passado e de seu potencial ímpeto pecador, quanto pela designação de seu papel social de auxiliar, feita para a procriação. Ao contrário de Lilith que, ao desejar a igualdade entre os gêneros e ao querer trocar de posição durante a relação sexual, não permanecendo por baixo do homem, age de acordo com o que defende o movimento feminista, circunscrito em um discurso que visa igualdade de direitos e a libertação do sistema patriarcal. Assim, essa figura serve como um modelo a ser rejeitado por tal sistema e pelas mulheres que dele fazem parte, pois, apesar de ambas terem traços transgressores, Eva é inferiorizada e permanece sujeitada ao homem, enquanto Lilith é demonizada ao ir embora do paraíso e não negar a sua sexualidade.

A análise abaixo será focada na relação intertextual em duas perspectivas: a relação entre os textos literário/escultura e, ao mesmo tempo, a relação entre essas linguagens artísticas e textos bíblicos. Essas duas relações se identificam por contemplarem a relevância da Literatura Comparada como método eficaz para se discutir temas dos Estudos Culturais. No caso deste trabalho, a construção da identidade feminina tendo como base os mitos bíblicos. Compreende-se a intertextualidade como uma relação entre textos que são abordados como “mosaicos” de outros textos (Kristeva, 2005). Nesse sentido, os textos são atravessados sempre por outros textos numa rede que se consagra pela relação de troca entre sistemas que pode se realizar de maneiras distintas. Nesse trabalho, as redes intertextuais confluem para uma discussão identitária que leva em conta o estudo da identidade como relacional. Em outras palavras, na construção de personalidades, empíricas ou literárias, pode haver inúmeras relações que envolvam a identificação e também a exclusão. O importante é se observar como as personagens analisadas nesse trabalho identificam-se ou excluem mitos. É nesse caminho que faremos a análise a seguir.

No conto *O papel de parede amarelo*, Eva e Lilith adentram na narrativa através dos modelos de comportamento, gerados por tais figuras, que são elementos internos de constituição da personagem protagonista em fases diferentes. Na primeira, o discurso patriarcal é mais presente e percebe-se o exemplo de mulher a ser seguido a partir das características de Eva. Algo que é arraigado à educação, aos costumes e durante a relação com outras mulheres, quando acontece o processo de identificação. Uma das evidências a se destacar nessa fase é o fato de que, mesmo escrevendo em seu diário uma consciência aparentemente não dominada por opiniões patriarcais, há uma aparente resignação da personagem principal frente à voz do seu marido e a de seu irmão:

Sabe, ele não acredita que eu esteja doente! E o que há de fazer?

Se um médico afamado, que também é seu próprio marido, garante aos amigos e à família que não há nada de errado com você exceto

uma depressão nervosa temporária, uma certa tendência histórica, o que há de se fazer? (Gilman, 2019, p.21 e 22).

Tal pensamento, assim como sua vontade de evitar o embate com John, e a luta interna que trava para manter o controle diante dele, demonstra a ideia de submissão, trazida pela punição de Deus à Eva. Essa ideia é nascida desde o início do mito da criação quando em Adão prevalece a racionalidade, tendo sido feito à imagem e semelhança de seu criador, enquanto Eva detém apenas parte dele. No trecho da Bíblia abaixo, é possível visualizar esse discurso textualmente:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (Efésios, 5:22-24).

Diante desse discurso, em sua fase influenciada pelo mito de Eva, a personagem principal sofre com a tentativa de dominação da sua consciência pelo seu marido, que tenta impor o que ela deve sentir, além de controlar cada hora do seu dia. Ela se vê, ainda, no papel de ajudadora idônea, termo que se refere a Eva e é ressignificado no conto no comportamento de uma esposa que, por não conseguir cumprir com suas obrigações perante à casa e ao marido, sente-se como um peso morto. Contudo, a personagem carrega a desobediência da “mãe de todos” ao escrever secretamente contra as indicações do esposo, numa busca pelo conhecimento de forma mais sutil, produzido segundo uma reflexão gerada pela constante busca de se conhecer e se analisar na escrita.

A sua segunda fase, ao ter um contato mais profundo com *O papel de parede amarelo*, segue o modelo de comportamento gerado pelo mito de Lilith, repugnado pelo patriarcado. Sua identidade segue em conflito, tendo a sua identificação deslocada para uma direção contrária. Um dos primeiros indícios, quando Eva ainda é uma forte influência, é a raiva que julga irracional contra John, por não se achar no direito de protestar ou sentir-se incomodada com sua situação. Porém, internamente, começa a se desfazer a sua resignação. Sua decisão de escrever, que antes era mais dominada pelo medo de ser pega, agora é mais firme e já aponta sua necessidade acima do que o seu marido poderia achar se visse, mesmo agindo, ainda, secretamente. Ao projetar-se na mulher que imagina presa no papel de parede, expressa sua vontade de se libertar. Isso pode ser observado no fragmento a seguir: “o vulto indistinto da mulher pareceu sacudir a estampa à sua frente como se tivesse querendo sair” (Gilman, 2019, p. 31). E passa, também, a não aceitar por completo que John fale por ela em relação a sua saúde, retrucando suas falas, mesmo sendo reprimida. Por fim, é tomada pelos seus instintos, agora não mais controlados, e age de forma selvagem, ao usar os dentes para despregar a cama do lugar e rastejar pelo quarto e por cima de John, invertendo os papéis, assim como tentou Lilith.

Em toda essa fase, o modelo de comportamento gerado pelo mito é ressignificado, ao trazer a não aceitação da submissão, os gestos animais e a igualdade de direitos como traços mais marcantes da transformação da personagem. Assim, é possível perceber sua ligação com a escultura Lilith, diante de tais

características, como já destrinchado no tópico anterior, mas também ao aludir às mulheres anteriores que tentaram se libertar como ela. Isso pode ser notado no próximo trecho: “E o tempo todo tenta atravessar a estampa. Mas ninguém consegue atravessá-la, porque ela estrangula quem tenta. Acho que é por isso que tem tantas cabeças. Elas atravessam, são estranguladas pela estampa, e ela as pendura para baixo e deixa branco os olhos” (Gilman, 2019, p.36). Nesse trecho, pode-se notar a relação intertextual com a escultura. Como é apreciado abaixo em duas representações imagéticas:

FIGURA 1 – escultura Lilith, de Kiki Smith (1994)



Fonte: Art Shebang, 2016.

FIGURA 2 – escultura Lilith, de Kiki Smith (1994)



Fonte: WikiArt, 2012.

Defende-se que as duas imagens apresentadas acima podem ser identificadas com a imagem da personagem do papel de parede. Nessa relação, nota-se que a imagem literária pode receber diversas interpretações. Uma delas é que a figura no

papel de parede pluraliza-se, representando as mulheres citadas pela personagem no trecho destacado acima. Ambas se identificam, pois o visual no papel constrói uma metáfora daquelas que ousam/ousaram desvirtuar o sistema patriarcal. A estampa encontrada no papel reforça a metáfora da opressão patriarcal sobre o corpo feminino. Considera-se que a estampa se personaliza em ações que oprimem as mulheres do papel de parede no conto, associando-as à imagem de Lilith, impressa na escultura e representada ao longo da história. Especificamente, duas ações serão destacadas. A primeira delas é o fato de, simbolicamente, essas mulheres penduradas no conto de cabeça para baixo serem colocadas no lugar social assumido pela Lua Negra. Conforme exposto no anexo A, em um manuscrito conhecido como "Ripley Scrowle" (1588), Lilith é retratada de cabeça para baixo na árvore do conhecimento, com uma cauda de cobra e posição que guia alguém como um xamã<sup>5</sup> (Koltuv, 2017). Já na figura 1, é possível notar a escultura, também retratada de cabeça para baixo e com traços animais, mas em posição de ataque, como uma cobra sorradeira que se prepara para dar o bote.

Sendo o olhar masculino predominante na história da arte canônica e determinante para a criação de estereótipos, na arte clássica, as mulheres eram representadas apenas pela evidência da beleza, sensualidade ou como figuras passivas, maternais e embranquecidas. Porém, com a arte contemporânea, especificamente com a produzida por Kiki Smith na obra em questão, há um rompimento desses padrões. A mulher de pele escura não representa mais o papel de subserviência como acontecia na maioria das vezes, e o seu corpo não é um objeto de contemplação responsável pelo estabelecimento de um ideal de beleza. Agora, a partir da visão feminina, o corpo da mulher é representado como uma extensão das suas capacidades e vontades. E expõe uma identidade múltipla, não mais cristalizada dentro de um padrão de comportamento aceitável. A ruptura com o discurso normativo se dá, ainda, pela atitude confrontativa da escultura em relação ao espectador, assumindo uma postura reativa que, através da estratégia visual adotada, revela séculos de história das mulheres.

A segunda ação descrita no conto pelo padrão do papel de parede, é a de deixar brancos os olhos das mulheres que tentam se libertar, num ato de relacioná-las, também, à Lilith, tendo em vista que essa expressão se refere a uma pessoa possuída e sem alma, assim como um ser demoníaco, tal qual é vista a Lua Negra, como um demônio alado da noite. Na figura 2, a escultura, por ter o corpo inteiramente preto, tem o branco dos olhos como maior destaque. Porém, cabe ainda ressaltar as suas íris azuis, as quais remetem a uma miscigenação étnica, possuindo, dessa forma, o caráter de representação de todas as mulheres em uma só. Dentre elas estão as julgadas históricas, com seus desejos reprimidos realizados por Lilith, as que se utilizam da noite para serem aquilo que desejam, fora de casa ou até mesmo sozinhas dentro de um quarto no qual apenas as paredes guardam seus segredos. Diante da transgressão feminina, há a demonização, a qual promoveu a exclusão de representações de Lilith

---

<sup>5</sup> "Jung chama-a de uma "anima xamanística". Ele comenta que "Sofia não pode ser associada a Eva, uma vez que Eva nada tem que ver com magia, mas ela [Sofia] pode, provavelmente, ser associada à primeira mulher de Adão, Lilith". O iniciado encontra Lilith quando está a meio caminho da árvore da filosofia." Na figura 5, ela é mostrada com seu rabo de serpente e pés de animal, de cabeça para baixo, na árvore do conhecimento. De modo análogo, ela é descrita pelos cabalistas como "uma escada pela qual se pode subir até os degraus da profecia" (Koltuv, 2017, p.71).

por séculos, mas que, no conto, esse resgate histórico é usado em outros sentidos: o da resignificação dessa figura mítica, junto ao discurso feminista, que provoca a aceitação do mito e dessas mulheres. No conto, a personagem tem contato, justamente, com mulheres mortas e presas pela violência do sistema patriarcal através do seu contato com papel de parede amarelo.

Concorda-se, então, com Stuart Hall (2020, p.12) quando afirma que, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas”. Por isso, estereótipos de gênero e medidas de domesticação feminina, por exemplo, mostram-se contrários às diversas vozes identitárias que podem constituir um ser humano, sua complexidade e subjetividade, em razão da não aceitação do sujeito em relação a posturas diferentes do que é esperado como uma construção social para o seu gênero. Para Woodward (2014, p.10), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Portanto, tais sistemas, responsáveis pela produção de identidades, estão vinculados também às relações de poder e, por isso, determinam quem terá voz ou não.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo estabeleceu um estudo comparativo entre o conto *O papel de parede amarelo* e a escultura *Lilith*, proporcionando a análise da constituição da identidade feminina a partir de discursos que compõem o sistema patriarcal e permeiam figuras da mitologia cristã. Foi compreendido, com o suporte do dialogismo e da intertextualidade, que os discursos gerados pelos mitos de Lilith e Eva, ao longo da história, são intrínsecos ao processo identitário vivido pela personagem principal do conto, uma vez que estão impressos no seu comportamento e são ressaltados através de características e símbolos que os compõem. Constatou-se, também, que o diálogo entre o conto e a escultura possui uma ligação direta com a crise pela qual passa as identificações da personagem da narrativa, visto que a obra *Lilith* representa a postura adotada por ela enquanto reconhece a interferência do discurso patriarcal em sua vida e assume uma consciência involuntariamente feminista. Dessa forma, verificou-se que a relevância de Lilith e de Eva para a constituição da identidade feminina desdobra-se entre dois pontos: a submissão e a insubmissão. Enquanto no primeiro ponto há o silenciamento da mulher, no segundo há a transformação da sua própria realidade através da não aceitação do lugar social imposto.

Espera-se que este estudo estimule outras pesquisas sobre as obras de Charlotte Perkins Gilman e Kiki Smith, bem como encoraje a busca pela literatura feita por mulheres, enquanto objeto de leitura e investigação. Estima-se uma maior exploração dos Estudos Culturais voltados para a identidade feminina, tendo em vista séculos de seu desconhecimento e de sua distorção em prol do poder masculino. Por fim, pretende-se que o leitor desenvolva um olhar crítico sobre questões tão enraizadas na sociedade que, muitas vezes, não são percebidas ou problematizadas.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 366 p.

BÍBLIA, N.T. Efésios. Português. In: **Bíblia Sagrada King James Atualizada**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial Ltda, Cap. 5, vers. 22-24. Disponível em: <https://www.pdfdrive.com/b%C3%ADblia-king-james-atualizada-d195238079.html>. Acesso em: 18 fev. 2023.

BÍBLIA, N.T. Timóteo. Português. In: **Bíblia Sagrada King James Atualizada**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial Ltda, Cap. 2, vers. 11-13. Disponível em: <https://www.pdfdrive.com/b%C3%ADblia-king-james-atualizada-d195238079.html>. Acesso em: 18 fev. 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. O reforço teórico. In: CARVALHAL, Tânia

Franco. **Literatura Comparada**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2006. cap. 4, p. 45-73. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nnee5ee>. Acesso em: 17 dez. 2022.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap. 03, p. 78-113.

DUBY, Georges. A queda. In: DUBY, Georges. **As damas do século XII**. 1. ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2013. cap. 5, p. 274-292. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xcss80s>. Acesso em: 11 mar. 2023.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. 144 p. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2020/04/eliade-mircea-mito-e-realidade-1.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap. 10, p. 322-357.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2018. cap. 2, p. 19-50.

GILMAN, Charlotte Perkins. O Papel de Parede Amarelo. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo e outros contos**. 1ª. ed. São Paulo: Via Leitura, 2019. cap. 2, p. 21- 40.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. 58 p.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. p.168-169. Disponível em: <https://loja.ecolebrasil.com/wp-content/uploads/2019/09/Psicologia-das-Cores2.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

KOLTUV , Barbara Black. Lilith, a sedutora. In: KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. cap. 3, p. 59-82.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 209

p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/s5nev85>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NETO, Romão Matheus; COSTA, Leonardo José; RIBEIRO, Regiane Regina. A desobediência de Lilith: representações do mito da primeira mulher na animação Paranorman. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, Curitiba, v. 22, n. 2, p. 137-149, 2020. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.222.12>. Acesso em: 1 mar. 2023.

NITRINI, Sandra. Conceitos Fundamentais. In: NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. cap. 2, p. 125-182. Disponível em: <https://doceru.com/doc/ve05vne>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NUNES, Sílvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres?: Maternidade e mal-estar. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200007). Acesso em: 4 mar. 2023.

ROCHA, Francisco Franco da. **Esboço de psiquiatria forense**. São Paulo: Typ. Laemmert, 1904.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 337. Disponível em: [https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/RoudinescoElisabeth\\_Plon\\_Michel\\_Dicionario\\_de\\_psicanalise\\_1998.pdf](https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/8941/material/RoudinescoElisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf). Acesso em: 1 mar. 2023.

SAFFIOTI, Heleith; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero – Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 218 p.

SICUTERI, Roberto. **Lilith, a lua negra**. São Paulo: Paz e terra, 1985. 115 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n08nc0v>. Acesso em: 11 mar. 2023.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. cap. 1, p. 2- 55.

## AS AUTORAS

**Ana Júlia Gomes de Lima** possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade de Pernambuco e pós-graduação (especialização) em andamento na área de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Clarissa Loureiro Marinho Barbosa** possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1999) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de



Pernambuco (2002). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura de cordel, literatura comparada, cultura popular, gênero e artes. É professora da UPE.